

## Editorial

Cadernos de Campo é a revista das alunas e alunos do programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Editada desde 1991 pelo corpo discente do programa, a revista procura reunir reflexões a partir e sobre o campo disciplinar da Antropologia privilegiando reflexões inéditas de pesquisadores e pesquisadoras reconhecidas e em formação. Após 25 anos de publicação, com a reorganização do fluxo editorial iniciado em 2017, a revista passará a publicar semestralmente em 2019, com volumes no primeiro e segundo semestre.

O volume 27 da revista reúne trabalhos de antropólogas e antropólogos que, de maneira objetiva ou difusa, pautam as complexidades e rendimentos (sejam metodológicos ou político-epistemológicos) de refletir sobre as experiências de mundo a partir de categorias do cuidado. O cuidado aqui é colocado em evidência a partir de reflexões contidas na segunda parte do Especial sobre adversidades no fazer antropológico considerando a dimensão ética, procedimental e reflexiva do estar em campo, bem como as formas de expressão do risco e do perigo, do prazer e do medo, das políticas de saúde e de sua realização nas trajetórias individuais ou na dinâmica territorial de produção do parentesco ou de mobilizações política e religiosa. Enfim, o cuidado como forma de produção de um espaço de convívio, possibilidade e ambivalência para pessoas, práticas de conhecimento, experiências e regimes de legibilidade para os mundos habitados e sonhados pelas coletividades com as quais estudamos.

A revista apresenta artigos, ensaios, produções estéticas, traduções e resenhas que apontam para essas múltiplas possibilidades, nem sempre objetivas, de reflexão a partir das experiências de pesquisa em contextos marcados por relações de conflito postas de antemão ou que surpreendem e constituem as revelias e imponderáveis de se estar em campo.

Na seção Artigos e Ensaio são apresentados os trabalhos sobre família e parentesco, disputas religiosas pelo espaço de uso coletivo, experiências de adoecimento e sofrimento social, Estado e políticas de saúde, formas expressivas e suas relações com conflitos estabelecidos a partir da produção e consumo no mercado, ou da leitura de dramas sociais do presente. O artigo de Everton Oliveira trata das relações entre temporalidades, movimento e parentesco a partir de um grupo familiar extenso no Sul do Brasil. Marcela Boniolo discute os impasses para constituição de normas de uso e

convivência em espaços interpelados por sentidos múltiplos na Curva do S, no Parque da Tijuca, Rio de Janeiro.

Denise Pimenta, Romário Nelvo e Soraya Fleischer tematizam as múltiplas facetas que constituem articulações entre saúde, corpo, território e noção de pessoa a partir da análise de políticas, formas de organização e intervenção que emergem como respostas ao HIV, à microcefalia e à epidemia de Ebola, respectivamente no Rio de Janeiro, em Recife e em Serra Leoa. Os trabalhos lidos em conjunto apontam para modos de conectar escalas e constituir relações no campo da leitura das formas de enfrentamento, dos processos de subjetivação no curso da vida e também no tratamento etnográfico oferecido aos materiais que as pesquisadoras e pesquisadores produzem em campo.

Lidando com formas de expressão e realização artística contemporâneas, Sílvia Raposa e Eduardo Henriquez Mendonza por sua vez analisam as perspectivas de instauração do espaço social a partir de realizadores audiovisuais independentes no Equador e de sujeitos que constituem o cenário da dança-teatro em Portugal a partir da forma como leem e representam respectivamente a sofisticação das formas de produção e consumo de bens culturais e o conflito Sírio contemporâneo.

Retomando questões caras à reflexão antropológica, a partir da fotografia como linguagem, dado e método, os ensaios que constituem a Seção Quimeras retomam as experiências de ir, vir e voltar, do trânsito e da relação, do olhar e do posar como elementos sensíveis para a reflexão antropológica e que atravessam a história da disciplina a partir de momentos e registros emblemáticos. A pergunta de a quem pertence as histórias que os pesquisadores coletam em seu trabalho de campo são rerepresentadas no ensaio de Geissy Oliveira sobre corpo e cenário a partir de sua relação com uma interlocutora-artista, bem como no ensaio de Eduardo Viana Vargas sobre os passageiros do Corredor Nacala, em Moçambique – que também ilustra a capa da presente edição.

As formas de interpretar e inventar o mundo a partir das formas de conhecimento antropológico são retomadas a partir das contribuições de Latour lido por Roger Sansi, em tradução de Alessandra Estevam. Ainda na seção de Traduções, a Rodrigo Bulamah apresenta uma nova tradução do ensaio de Roger Bastide sobre processos de individuação a partir de categorias filosóficas africanas.

Em continuidade à Seção Especial “Adversidades no Fazer Antropológico”, há sete novos artigos cujas autoras/es tecem reflexões sobre tensões, dilemas e convívio entre antropóloga/o, a pesquisa de campo, os sujeitos pesquisados e a recepção que seus escritos têm gerado entre os pares acadêmicos. A escolha em colocar esses textos conjuntamente

se deu pela maneira como abordam, sobre diferentes perspectivas e lugares, essas tensões, o que enriquece e complexifica o debate. Não se trata apenas de pensar o corpo da antropóloga em campo, mas também o corpo do antropólogo, suas interseccionalidades, e o modo como essas reflexões são recebidas dentro do ambiente acadêmico. Da mesma forma, torna-se imprescindível destacar o quanto esses desafios que surgem para as/os pesquisadoras/es, são imperativos cotidianos nas vidas dos sujeitos de nossas pesquisas. Tratam-se de situações e demandas que ultrapassam o eixo das reflexões teórico-metodológicas da Antropologia enquanto disciplina, como aborda Seraguza, uma das autoras cuja pesquisa em grave contexto de violação de direitos humanos tornou-se um desafio, pois sua presença foi percebida como “inconveniente” pelo Estado e grandes ruralistas.

Enquanto Garcia problematiza certa idealização do trabalho de campo no qual não é questionado o gênero da pesquisadora/o e suas possíveis tensões, de modo que tendemos, enquanto antropólogas, a calar determinadas experiências reais em campo, Parreiras propõe uma reflexão sobre como as vulnerabilidades a que esteve sujeita durante sua pesquisa de campo produzem questões éticas e de método durante a feitura da pesquisa e redação de seus textos. Para ela, a exposição do self durante a escrita etnográfica produz meios para o “entendimento do Outro a partir de nós mesmos”. Ambas ressaltam o quanto é ilusório pensar que a pesquisadora sai ilesa da pesquisa de campo, seja em função das narrativas a que estão expostas; seja com a própria vulnerabilidade em determinados ambientes.

O racismo institucional, as dificuldades do início da carreira acadêmica, e também a forma como foi visto por seus interlocutores em campo são questões que permeiam o texto de Rodrigues. Já Maciel traz uma reflexão pertinente ao explorar dois sentidos em que se pode estruturar a produção do conhecimento etnográfico, ao fazer uma abordagem do corpo do antropólogo em relação aos seus interlocutores, e em relação aos seus pares.

No texto de Gonçalves vemos, através das adversidades narradas, que envolvem desde fenômenos naturais a problemas cotidianos vivenciados por ele, como os dados de trabalho de campo podem surgir dos locais e momentos mais inesperados, até quando o pesquisador achava que a pesquisa ainda não tinha começado.

Por fim, Alves e Pereira discorrem sobre as especificidades da etnografia junto a usuários de crack e as estratégias, metodológicas e técnicas, tomadas para a efetivação da pesquisa. A experimentação dos mesmos perigos da rua e das mesmas “brisas” é acompanhada pelo confrontar-se e pelo questionar-se dos limites de atuação do

antropólogo e pelo próprio estatuto dos interlocutores, com quem compartilharam o texto durante o processo de escrita, tendo-os como parceiros na produção de conhecimento a respeito deles mesmos.

Parentesco, desejo, violência e território são as portas de entrada para as reflexões de Rubens Valente, Paola Gibram, Maria Filomena Gregori e Bruno Morais detidamente resenhados em suas recentes produções. A resistência indígena durante o período ditatorial brasileiro, as relações Kaiowá entre corpo, território e morte, assim como as insistentes articulações entre modos de fazer política e parentesco entre os Kaingang são introduzidas pelas resenhas de Messias Basques, Gabriela Marcúrio e Lucas Cimbaluk. Oriundas do campo de reflexão indígena, ou da relação do Estado com indígenas, esses trabalhos se aproximam de uma provocação às formas de entendimento para os limites e perigos que constituem convenções e formas criativas de resposta a dilemas no campo das moralidades e experiências eróticas a partir da leitura de Vitor Grunvald da obra de Maria Filomena Gregori.

Retomando a preocupação que gravita em torno desses trabalhos para pensar as expressões e produtividade do cuidado, a revista não poderia deixar de reforçar a importância de constituir redes de afeto e solidariedade frente à complexificação das formas de precariedade, injustiça social e violência contra as coletividades junto as quais a disciplina vem historicamente aliando-se. Em momentos onde reina o desconhecido e o medo, é preciso produzir modos de ocupar mundos e construir respostas desde as margens, restituindo os sentidos de escuta, entendimento e empatia que mobilizam e tornam possíveis qualquer experiência de interpretação antropológica do mundo. Desejamos a todas e todos, uma excelente leitura.

**Editores Responsáveis**